**LOBATÚ, UM MATUTO NO GRAFITE:POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO EM EXPERIENCIAS DE LAZER E TURISMO**

Este artigo apresenta o Grafite do personagem “Lobatú” criado pelo artista Gabriel Nast, de forma a contextualizar esta arte, no espaço, tempo e sentidos para o artista, o personagem e potencialmente aos turistas da região. A partir de uma revisão bibliográfica e de uma entrevista semiestruturada com o artista, foi realizado um estudo de caso. O objetivo foi desvelar possibilidades dessa arte, como mecanismo de mediações para experiências de lazer e turismo rural. Consideramos que o turismo pode configurar-se como potencializador do desenvolvimento social e cultural de uma localidade, atendendo também aos interesses culturais de lazer. Visualizamos a possibilidade de desenvolvimento de roteiros “alternativos”, em uma localidade rural já potente, inserindo novos elementos como o grafite, o matuto, a fotografia e o contato direto com o cotidiano e pessoas do meio rural, para o compartilhamento de saberes e práticas ancestrais, na produção de novos signos e sentidos culturais.

**Palavras-chave: Lazer, Turismo, Mediação, Arte, Grafite**

Neste artigo é apresentada uma pintura em Grafite[[1]](#footnote-1) do personagem “Lobatú” criado por Gabriel Nast, produzida na região de Conceição do Mato Dentro/MG, de forma a contextualizar esta arte, no espaço, tempo, sentidos e significados para o artista, o personagem e potencialmente para a comunidade e turistas da região. O objetivo é desvelar as possibilidades dessa arte, como mecanismo de mediações para experiências de lazer e turismo rural na e com a comunidade onde a obra foi produzida.

Considerando a arte como uma forma de linguagem e produto cultural, concordamos com Lawn (2007) que a arte é uma forma do artista comunicar aos outros como vê, sente e entende o mundo, assim como é para o receptor na interação com essa arte. Agregamos também as contribuições dos estudos culturais para o campo da comunicação, buscando subsídios para pensar a recepção fora do diagrama da teoria informacional no pensamento comunicacional.

Percorremos o caminho que passa dos meios (arte/grafite) às mediações possíveis em experiências de Lazer e Turismo, a partir da abordagem culturalista de Martín Barbero que nos permite trabalhar a ideia de cadeias envolvendo produtores, produtos e receptores, compreendendo deslocamentos de significados entre as partes envolvidas. Ou seja, a mediação como um circuito que recodifica os sentidos sociais, onde a comunicação é então processo, simultâneo e dependente das produções culturais.

De acordo com Barbero (2008), o desafio desta forma de pensar é envolver os elementos da linguagem informacional: emissor, receptor, canal e mensagem em contextos culturais, tendo como conceito chave que coordena essas manifestações a mediação. Pensar dos meios a mediação, pois, a mediação seria o pano de fundo onde as manifestações de comunicação envolveriam e direcionariam a trama cultural que acreditamos estar presente na arte Grafite Lobatú. Apesar desse conceito não ter contornos precisos, ele pode envolver toda a gama de relações e intersecções entre a arte, o turismo e o lazer.

Com vistas a tratar as mediações possíveis do Grafite “Lobatú” nas experiências de lazer e turismo, foi necessário pensar o turismo e o lazer como campos de interseção nos estudos das ciências aplicadas. Ainda que o turismo esteja, por vezes, atrelado às questões de desenvolvimento local, esta prática pode não ser reconhecida apenas como um fator econômico ou uma forma de conhecer novos lugares e paisagens. Contrapondo a esta racionalidade, acreditamos que o turismo pode permite uma experiência diferente e memorável, capaz de propiciar aos sujeitos que dela usufruem experiências de lazer, cultura, conhecimento, emoção, ou seja, algo que faça ou tenha sentido para eles.

Nos debruçamos na trama dos elementos socioculturais que norteiam o entendimento das práticas sociais e de sua inserção na comunidade rural. Desta forma, a questão que nos norteia se traduz em: Como mediar os elementos do Grafite “Lobatú” em sua concretude como experiências de lazer e turismo?

Para desenvolver este trabalho, foi realizado um estudo de caso sobre o Grafite “Lobatú”, cujo desenvolvimento ocorreu com a combinação de procedimentos de pesquisa bibliográfica e de campo. A revisão bibliográfica foi realizada afim compreender as relações entre a arte, o lazer e o turismo, bem como suas articulações com as teorias da comunicação em especial nos processos de mediação. Para este levantamento foram utilizados os sistemas o Sistema de Bibliotecas da UFMG e os *sites* de busca acadêmica *Google Acadêmico*, *Scielo* e USPTeses.

A entrevista semiestruturada com o artista buscou conhece-lo e principalmente compreender a produção do Grafite “Lobatú” em seus contextos territorial, de sentidos e significados para quem e de quem a produziu. Foi realizada de forma online, utilizando-se correio eletrônico (e-mail). As informações coletadas, bem como as percepções e falas do artista sobre seu Grafite Lobatú estão transcritas, analisadas e apresentadas ao longo do texto, dialogando com os autores referenciados. Assim, o Grafite “Lobatú”, suas possibilidades de mediações em Lazer e Turismo, são apresentadas como produtos de uma análise qualitativa, que dialoga com elementos teóricos e da própria arte apresentada.

**Sobre o lazer e o turismo**

Compreender as construções socioculturais do lazer e do turismo e como esses processos históricos, influenciam e são influenciados na relação com a cultura, a arte, o lazer e o turismo, se traduz em um desafio necessário às reflexões aqui propostas.

Sobre o lazer, Gomes e Melo (2003) apontam alguns motivos que se relacionam com essa crescente pesquisa, como o fato de o âmbito cultural ser um foco central de interesse para o campo do lazer, atrelado a isso uma compreensão de cultura inserida na lógica do consumo, gerando impactos diretos nas formas de organização social.

O crescimento da indústria do entretenimento, o aumento das iniciativas governamentais e os questionamentos acerca da assepsia da sociedade moderna, que centraliza e supervaloriza o trabalho são colocados também pelos autores como pontos impulsionadores para os estudos interdisciplinares e inter-relacionados sobre o lazer e o turismo.

Considerando as obras de Marcellino (2006), Melo; Alves Junior (2003) o lazer na modernidade instituiu-se a partir do processo de industrialização, concretizado na Europa no final do século XVIII e no Brasil no final do XIX, como consequência da urbanização que, por sua vez foi acelerada pela demanda de trabalho nas indústrias. Este processo foi caracterizado pela mudança nas relações de trabalho, a qual também mudou profundamente a relação dos tempos sociais, acentuando a divisão entre o tempo de não trabalho e o tempo de trabalho.

Necessária também se faz a discussão sobre lazer entendido como tempo livre em contraste ao conceito de lazer como uma manifestação cultural integrada ao social em amplos aspectos. “Trabalho e lazer, apesar de possuírem características distintas, integram a mesma dinâmica social e estabelecem relações dialéticas” (GOMES, 2008, p.3). A autora nos conduz a uma reflexão sobre a percepção de que vivemos em uma sociedade dinâmica, com todas as suas dimensões interligadas. Assim, Gomes (2008) compreende o lazer a partir da cultura, definindo-o como manifestação e dimensão cultural. Para ela a cultura correlaciona-se, na perspectiva antropológica, a produção humana com a dimensão simbólica na qual o significado é central, sendo o lazer igualmente possuidor dessas características, portanto, ressignificado de sentidos objetivos e subjetivos, diretamente atrelados às peculiaridades do contexto histórico e sociocultural, no qual está inserido.

Ao tratar o lazer como uma dimensão cultural, Gomes (2008) distingue quatro elementos, sendo eles tempo, espaço/lugar, manifestações culturais e atitude. Aponta para a dualidade própria da repercussão do Lazer podendo tanto reafirmar padrões sociais de automação quanto uma alternativa de questionamento e ressignificação da estrutura social vigente. Assim, ressaltamos o entendimento de *Lazer* que orienta nossas reflexões:

*Lazer* como a cultura - compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída), no `tempo disponível’. É fundamental como traço definidor, o caráter `desinteressado` dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A `disponibilidade de tempo` significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 2011, p.31).

Consideramos ainda os interesses culturais propostos por Dumazedier (1976) e ampliado por Camargo (1986), como organização para este fenômeno. Tais interesses podem ser: físicos, sociais, artísticos, intelectuais, manuais e turísticos. Porém importante destacar que muitos sujeitos em nossa sociedade podem apresentar outros interesses que não se encontram contemplados nesta classificação.

Neste trabalho focalizamos o interesse turístico que foi contemplado a partir da releitura de Camargo (1986) nas produções de Jofre Dumazedier. Tal interesse está relacionado a conhecer novos lugares e novas culturas, que se dá através de deslocamentos (passeios) e de viagens. O sujeito, ao estar em um determinado local, geralmente tende a procurar atividades de lazer que seja comum naquele espaço/cultura.

Quanto ao turismo, entendemos como um fenômeno sócio espacial, antes de ser uma atividade econômica, pois sabemos que para sua prática é necessário que o ator principal, o homem, se desloque no espaço em busca da realização de motivações diversas. As formas de turismo existem desde as mais antigas civilizações. Por volta do século VIII a.C., no mundo helênico, muitas viagens foram empreendidas para que as pessoas apreciassem as competições esportivas, que eram realizadas a cada quatro anos na cidade grega de Olímpia, ou delas participassem. Somente a partir do século XIX, na Inglaterra, dá-se início a comercialização do turismo pelo inglês Thomas Cook, quando em 1841 este organizou uma viagem de trem com o objetivo de levar um grupo para participar de um encontro em outra cidade.

Considerando a revolução industrial as comunidades fabris, incentivadas pelos patrões, começaram a criar seu próprio sistema popular de organização de férias. O crescimento do turismo a partir dessa época teve, também, como causas: a valorização da mentalidade de se ter direito ao lazer; a mudança de hábitos de consumo; introdução de férias remuneradas; e elevação geral do nível de renda. As pessoas conquistam o direito ao tempo livre, e o turismo tornou-se objeto de consumo do ser humano.

Assim a atividade turística atua diretamente na esfera econômica, social, cultural e ambiental, das localidades onde ele se realiza. Destaca-se também, por proporcionar opções de lazer e entretenimento para o preenchimento do tempo livre.

É interessante pensar em três segmentos da atividade turística que são potenciais na região de Parauninhas onde está localizada a comunidade de Candeias, contexto territorial da arte Grafite “Lobatú”.

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), eles são reconhecidos por apresentarem as seguintes especificidades: Turismo Rural, onde acontece o deslocamento de pessoas a espaços rurais, com roteiros programados, ou não, com ou sem pernoite. Eles vão em busca da apreciação do cenário da vida rural. Já o Turismo Ecoturismo é aquele desenvolvido em localidades com potencial ecológico, de forma conservacionista, procurando conciliar a exploração turística no meio ambiente, e o Turismo Cultural, é aquele que se pratica para satisfazer o desejo de emoções artísticas e informações culturais. Os turistas que procuram estes locais estão em busca do legado histórico do homem em distintas épocas, representado a partir do patrimônio e do acervo cultural encontrado nas ruínas, nos museus, nas obras de arte e nas manifestações tipicamente folclóricas e artesanais.

As reflexões trazidas neste texto, mesmo que de forma suscinta, nos ajudam a pensar nas possibilidades do Grafite “Lobatú” em mediar experiências de lazer e turismo, ao considerarmos o sentido do lazer e do turismo para o artista que o produziu:

[...] “O lazer tem a ver com uma vontade de liberdade, de se fazer o que te dá prazer, algo que vai fazer bem pro seu corpo e pra sua alma. E o turismo é movido pela vontade de conhecer coisas novas, outras pessoas, sotaques, outros jeitos de viver e de se relacionar”. (Gabriel Nast – entrevista concedida em 14/06/2019)

**O contexto da arte e do artista**

**Foto 1: Lobatú e a sua pintura (2017)**



**Fonte: arquivo pessoal cedido pelo artista**

O Grafite Lobatú (Foto 1), foi produzido pelo artista e designer Gabriel Nast[[2]](#footnote-2), em 2017 em Candeias, localizada no distrito de Itacolomi parte do município de Conceição do Mato Dentro, uma região conhecida como Parauninha, que está situada no centro de Minas Gerais na vertente oriental da Serra do Cipó e no centro da cordilheira do Espinhaço. Distante da capital mineira 167 km e a 127 km do aeroporto internacional de Confins, integra circuito turístico do parque Nacional da Serra do Cipó.

Entre tantos atrativos desta região, destaca-se a Cachoeira do Tabuleiro, a mais alta do estado e a terceira do Brasil, com 273 m de queda livre. Por abrigar inúmeras belezas naturais, e ecossistemas raros ela teve reconhecimento no âmbito internacional, tendo sido declarada como reserva da biosfera pela Organização das Nações Unidas, para a Educação, a Ciência e a Cultura pela UNESCO em 2005.

Neste cenário exuberante localiza-se a comunidade de Candeias que é um lugarejo, depois do distrito de Itacolomi, um povoado remoto e com mais de cem anos de ocupação leva o nome da família Candeias seu primeiro morador foi Hilário Candeia. A capelinha do Rosário ocupa a parte mais alta da encosta e foi construída pelo senhor José do Patrocínio Candeia, padrinho de dona Eva Fortunata Candeia, moradora do local, que se tornou zeladora e guardiã do templo. A única rua inicia-se em frente à capela, sendo a festa de Nossa Senhora do Rosário comemorada com cortejo, rei e rainha, e é concorrida por todos os habitantes da região.

Todo o conjunto conta com um pouco mais de 20 edificações e pouquíssimos moradores. Na vegetação predomina a espécie candeia, que deu nome ao lugar. O povoado tem uma visão privilegiada, com grandes perspectivas visuais para montanhas da Cordilheira do Espinhaço.

Foi neste cenário que Gabriel Nast, despertou o olhar artístico e a sensibilidade reconhecendo a vocação turística daquela comunidade de remanescentes de quilombolas. Assim, o artista em suas incursões turísticas, desenvolveu um trabalho de Grafite Rural, caracterizado pelo artista da seguinte forma:

“O Graffiti tem uma característica muito urbana e marginalizada, pois nasceu nas periferias das grandes cidades. A lógica do projeto Graffiti Rural é deslocar essa linguagem urbana para o meio rural, aonde assim se torna algo nunca visto, até mesmo de difícil compreensão, trazendo até um certo tom de mistério”. (Gabriel Nast – entrevista concedida em 14/06/2019)

O propósito foi utilizar o grafite, para registrar em espaços, públicos e privados personagens da cultura local. Acreditamos que a arte naquele contexto foi utilizada como um instrumento de valorização, divulgação, conhecimento e reconhecimento da importância daquela cultura, não só para os moradores, mas também, para visitantes, que nas palavras do artista se traduz da seguinte forma:

“O Graffiti que fiz sobre o Lobatú, tem como intenção homenageá-lo, depois de vários anos visitando e registrando esse "pretovéio", quis dar algo em troca, um presente, pelo o seu acolhimento e sabedoria passada e por ser um representante de sua comunidade”. (Gabriel Nast – entrevista concedida em 14/06/2019)

Com este olhar e sensibilidade, entendemos que esta e outras obras em grafite desenvolvidas por este e outros artistas do projeto Turismo Rural, podem também ser produzidos com o intuito de criar uma atração turística de forma sustentável. Turismo Sustentável segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) significa:

"Aquele que satisfaz as necessidades dos turistas atuais e regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e abre oportunidades para o futuro. Ele é concebido para levar ao manejo de todos os recursos de forma tal que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas, ao mesmo tempo em que se mantém a integridade cultural, processos ecológicos essenciais, diversidade biológica e sistemas de apoio a vida". (OMT: 1998:21.)

Desta forma, compreendemos que Gabriel Nast criou um potencial produto turístico, que são painéis em grafite revelando particularidades da cena privada dos seus moradores, personagens. Ele retratou imagens de pessoas da comunidade que possuem simbolismo afetivo para os seus moradores, bem como para a cultura e a história local.

“Este graffiti fala um pouco da representatividade do povo afro indígena forte quilombola, do Brasil profundo, que carrega sua força, coragem e simplicidade por uma longa vida. Acho que eu homenageando o Lobatú com essa pintura em sua casa, estou valorizando sua história, perante a sua comunidade e visitantes que por lá passam”. (Gabriel Nast – entrevista concedida em 14/06/2019)

Assim, tanto para gerar um roteiro, como desenvolver este Grafite, foi e é necessário realizar um trabalho de sensibilização para conscientizar a comunidade das suas potencialidades e vocação para o Turismo Cultural. Percebe-se na entrevista que o artista visualizou na cultura tradicional da comunidade a matéria prima da atividade turística. Como ela se encontra em estado bruto, na maioria das vezes, não desperta fascínio, nem tão pouco é valorizado como deveria ser, uma vez que, estamos vivendo em uma sociedade que prima pela beleza estética.

Entretanto, sabemos que só o atrativo é insuficiente para que a atividade turística aconteça de forma profissional e sustentável, há de se transformar o atrativo turístico em um produto turístico. Parece-nos que no caso do Lobatú a arte foi utilizada como uma forma de linguagem fazendo com que aquela comunidade e os próprios personagens (moradores locais) despertasse e se identificasse através daqueles registros grafitados nos muros das casas daquele lugarejo o quanto é vital para sua existência a preservação do seu patrimônio cultural imaterial. Para o artista Gabriel Nast, *“Não só o graffiti, mas, essa fotografia de Lobatú vestido de Marujeiro em frente a pintura ficará como memória de sua comunidade, criando uma marca na sua história de vida”.* (Gabriel Nast – entrevista concedida em 14/06/2019)

**Sobre a Artista, a Arte e as possibilidades de Mediação**

De acordo com Gabriel Nast (2019) estas pinturas fazem parte de um projeto intitulado *“Grafite Rural”*, que intencionalmente procuram exaltar e homenagear pessoas do meio rural, que carregam em seu corpo, histórias e modos de ser da ancestralidade viva.

Trata-se de pinturas feitas em muros, propriedades rurais e outros espaços localizados em pequenos vilarejos no interior de Minas Gerais. Desde 2013, estas pinturas são realizadas pelo artista Gabriel Nast e outros artistas que buscam retratar a essência e a história de vida de pessoas de tais localidades. Para o artista, estas pessoas reais, ao expressarem seus saberes, experiências e práticas cotidianas, se transformam em personagens e são grafitados. Assim, por meio da arte produzem, transformam e representam o contexto social, ambiental e cultural das comunidades onde vivem.

O Grafite intitulado Lobatú, ilustrado na Foto 1 (Anexo 2), é uma pintura feita na casa do próprio Lobatú, que parafraseando o artista, é um “Pretovéio” quilombola da região do Parauninha[[3]](#footnote-3), mais especificamente do vilarejo de Candeias, município de Conceição do Mato Dentro, Minas Gerais. Esta pintura especificamente foi produzida em 2017 durante a festa da Marujada que acontece lá todo ano, no mês de outubro, momento em que o artista/turista teve a oportunidade de conhecer e se comunicar com um matuto do local e participante ativo da festa (marujo), transformando-o em *“Lobatú no grafite”.*

“Pensar a linguagem como mediação é pensa-la ao mesmo tempo como feita de signos e prenha de símbolos” (MARTIN-BARBERO, 2008. p.31). Os elementos constituintes do grafite “Lobatú é marujêro”, apresentada na foto 1: Lobatú e sua pintura pode ser pensada como promotora de símbolos na e para a comunidade onde está inserida, bem como para os turistas que por ali passam. Para este autor, símbolo significa pacto, aliança, ou seja, o reconhecimento de encaixe de partes/lados, tal qual este grafite, que pretende, enquanto linguagem, ser reconhecido pelos membros da comunidade, pelo sujeito da arte (Lobatú), e quiçá pelos turistas que possuem a outra parte do encaixe.

Na pintura *“Lobatú no grafite”* ilustrado na Foto 1 (Anexo 2) o artista trabalha com superfícies cores, texturas e simbolismos que pautam por conceitos estéticos propondo a quebra dos limites entre o privado e o público, a casa e a rua, o tradicional e o contemporâneo. Em meio a este emaranhado de signos o grafite torna-se como potente forma de comunicação. É uma obra que possibilita que seus habitantes olham e são olhados por estas formas e assim ela conta suas narrativas do passado entrelaçados ao presente.

Considerando que as competências culturais se encontram nas práticas sociais e na produção do sentido do receptor. Elas são estimuladas articulam a produção e a recepção pois seu formato provoca os modos de ler e os modos de uso. A competência cultural é aprendida no coletivo junto com grupos sociais, desse modo, o objetivo desse tópico é descrever as falas do artista sobre a produção do grafite, os modos de usos e leituras sobre a cultura local e os momentos de lazer que podem ser proporcionados. Assim como identificamos na fala do artista, quando perguntado: \_acredita ser possível fazer um roteiro turístico e de lazer a partir desse e ou de outros grafites na região?

“Acredito que sim, desde que, agregando a história do lugar e seus personagens, fortalecendo a memória, a cultura material e imaterial, e estabelecendo uma troca justa, bom pra todos. Relacionando a pintura com os costumes locais”. (Gabriel Nast – entrevista concedida em 14/06/2019)

A contribuição de Martin Barbero (2008) ao construir uma nova forma de ver a recepção, para além das visões funcionalistas dos estudos de recepção. O auto indica a busca por uma análise integral do conjunto dos processos sociais de apropriação dos produtos, inclusive os simbólicos, pois, o receptor, organiza os significados do que é “lido” de formas diferentes, por este motivo não há apenas reprodução e sim produção de sentidos na mediação.

A leitura de um produto é parte da trama cultural entre emissores e receptores. Esta trama complexa de interações entre a produção e a recepção é produzida em um lugar chamado de mediações. Para Martin-Barbero “o campo daquilo que denominamos mediações, é constituído pelos dispositivos[[4]](#footnote-4) pelos dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida em comunidade”. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 265)

O conceito fundante do pensamento de Martín-Barbero é a “mediação”, ele quer entender o que há entre um sistema de produção e um sistema de recepção, a mediação é o que existe ente um e outro. O autor mapeou os dispositivos que estão presentes nas mediações entre diferentes mídias e as massas, e busca relatar seu funcionamento, pois Barbero está convencido que os dispositivos podem funcionar ligados uns aos outros, formando uma rede. Interessante perceber como o artista da obra em análise, visualiza as possibilidades de mediação desta arte, elegendo alguns dispositivos;

É importante entender as dinâmicas locais e pensar estratégias de como fortalecer redes de apoio junto as pessoas das comunidades. Promover encontros, registros audiovisuais, fazer inauguração com comidas típicas, contação de histórias. Enfim, várias possibilidades”. (Gabriel Nast – entrevista concedida em 14/06/2019)

Assim, entendemos e os dispositivos são ativadores de competências culturais “terreno no qual a lógica mercantil e a demanda popular às vezes lutam, e as vezes negociam” (BARBERO, 2008, p, 293). Os dispositivos estão entre a produção e o lugar de sujeitos, eles dão forma e produzem sentido para o cotidiano das pessoas.

**CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS**

A partir das possibilidades visualizadas de mediação entre o lazer e o turismo identificadas a partir do Grafite Lobatú, é possível pensar que toda a forma de turismo é lazer, embora nem todo lazer seja um turismo, ainda que tanto o lazer quanto o turismo podem ser mediados pela arte. Assim, o turismo pode configurar-se como potencializador do desenvolvimento social e cultural de uma localidade que o apresenta no topo da lista de interesses culturais para a vivência do lazer. Entretanto, é preciso que se perceba sua expansão na sociedade como serviços turísticos, e a necessidade da ampliação do acesso aos grupos excluídos do processo turístico mercadológico. É necessário ainda que se reflita sobre a conformação de desejo que molda o produto turístico por meio do processo midiático, e avançar tendo como possibilidades roteiros “alternativos”, em uma localidade rural já potente, inserindo novos elementos como o grafite, o matuto, a fotografia e o contato direto com este cotidiano, no compartilhamento de saberes e práticas ancestrais, na produção de novos signos e sentidos culturais.

A atividade turística para ser desenvolvida de forma sustentável deve atender às necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades conhecidas e por vir. Por este viés de pensamento, é possível vislumbrar um roteiro a partir do projeto “Grafite Rural”, aqui ilustrado pelo “Lobatú”, que além de atender aos interesses culturais de lazer, também poderá mediar o sentido de perpetuação, produção e reprodução das sabedorias tradicionais/locais, resgatando e valorizando pessoas que detém tais saberes. Um roteiro a produzir, tendo a arte grafite como meio, em suas variadas formas de linguagem e sentidos, diferenciando o turismo rural com a potência, beleza e sustentabilidade da arte, da cultura e das pessoas daquela região, ou que a visita em busca de muitas coisas, dentre elas o empoderamento por meio da ancestralidade. Assim, “*Pelos Caminhos de Candeias”*pode vir a ser um traçado com o mapeamento afetivo das 20 residências ou aproximadamente 45 moradores da comunidade de candeias, retratando seu cotidiano e tradições.

**REFERÊNCIAS**

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo. **Outra travessia revista de literatura**, Ilha de Santa Catarina, n.5. p. 9-16. 2005.

ASHTON, Mary Sandra Guerra. **Turismo: Sinais de Cultura.** Novo Hamburgo, RGS: FEEVALE, 2001.

BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, edições 1997; 2008.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo.** São Paulo, SP: SENAC, 2001.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LAWN, Chris. **Compreender Gadamer**. Tradução Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2007.

FALCÃO, D. Ser mochileiro: uma constituição social e pessoal do “mochilar”. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 76-90, dez. 2016.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

GOELDNER, Charles R. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor A. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa*.***Movimento**, v. 19, 2003.

\_\_\_\_\_\_. Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades. *Revista Itinerarium*, Rio de Janeiro, v. 1, 2008.

KOTLER, Philip. **Marketing Público**. São Paulo, SP: Makron Books, 1995.

KREG, Lindberg; Donald E. H. Kins. Ecoturismo: Um guia para Planejamento e Gestão. São Paulo, SP: **SENAC**, 1999.

LOPES, A., TINÔCO, D., ARAÚJO, R. Turismo como Vetor de Desenvolvimento Local: um olhar através das ideias de Theodor Adorno e Max Horkeimer. **Revista Turismo Em Análise**, 2012, 23(1), 104-127. [https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v23i1p104-127 Acesso em: 05](https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v23i1p104-127%20Acesso%20em:%2005) jun. 2019.

MACIEIRA, Cássia; RIBEIRO, Juliana Pontes (Orgs). **Na rua: pós-grafite, moda e vestígios**. Belo Horizonte, 2007.

MAGALHÃES, Claudia Freitas. **Diretrizes para o turismo sustentável em municípios**. São Paulo, SP: Roca, 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer*: Uma introdução. 5ª ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

MELO, Victor Andrade de; ALVES Junior, Edmundo de Drummond*.* **Introdução ao Lazer.** São Paulo: Manole, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT); Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR). Desenvolvimento de turismo sustentável em nível municipal. Madrid, ESP: [s.n],1996. **mimeo.**

SILVA, Silvia Rejane Lopes. A Influência da Indústria Cultural na Transformação de Atrativos Turísticos em Mercadoria Turística: O caso de Januária. Caderno de Geografia. Belo Horizonte, MG. **PUCMINAS**, v.15, n.24, p.111-116, jun. 2005.

STOPPA, E. A. & ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2017.

SWARBROOKE, John. Turismo Sustentável: Meio ambiente e economia.vol.2/São Paulo: **Aleph**, 2000

1. O termo grafite, tem origem italiana *graffito* - significa “escrita feita com carvão”. O **grafite** é um tipo de arte urbana caracterizado pela produção de desenhos em locais públicos como paredes, edifícios, ruas, muros, etc. Acesse: <https://www.todamateria.com.br/grafite-arte-urbana/>

   [↑](#footnote-ref-1)
2. Gabriel Nast, é o nome artístico de um mineiro, nascido em 1985 em Itajubá, sul de Minas Gerais. [....] “Minhas experiências com lazer e turismo se voltam mais pela busca do contato com a natureza e com a sabedoria das pessoas que moram na roça”. (Gabriel Nast, entrevista concedida em 14/06/2019). [↑](#footnote-ref-2)
3. O termo “dispositivo” refere-se a “uma série de práticas e de mecanismos (ao mesmo tempo linguísticos, [↑](#footnote-ref-3)
4. não linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) com o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito” (AGAMBEN,2005, p.11) [↑](#footnote-ref-4)